

# ..... Artigo .....

DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2024i36e67781>

## O círculo de Chesterton: uma abordagem a partir da teoria de Raymond Williams

*The Chesterton circle: an approach based on Raymond Williams' theory*

Glauber Ormundo Dias Martins<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo procura analisar o círculo de Chesterton a partir da teoria de Raymond Williams, permitindo observar quais são os agentes que participam da estrutura de sentimentos em que o autor está inserido. O artigo está dividido em quatro partes: a primeira apresenta a perspectiva epistemológica da abordagem do objeto; a segunda aborda a autobiografia de Chesterton com o intuito de entender a sua trajetória familiar até se tornar um homem das letras; a terceira aborda a teoria de Williams, demonstrando que o seu modo de abordar os círculos de intelectuais demonstra que essas relações vão além de um mero grupo de amigos, permitindo analisar os relatos de Chesterton em sua autobiografia com base em uma perspectiva mais crítica; e, por fim, apresentamos os resultados da pesquisa, que considera que somente um contexto de hegemonia cultural específica permitiria o círculo de Chesterton ocorrer.

**Palavras-chave:** Chesterton; Raymond Williams; Círculos; Formações.

### Abstract

*This article aims to analyze the Chesterton circle through the lens of Raymond Williams' theory, allowing for an observation of the agents participating in the structure of feelings in which the author is embedded. The article is divided into four parts: the first presents the epistemological perspective of the approach to the object; the second addresses Chesterton's autobiography to understand his familial trajectory until he became a man of letters; the third discusses Williams' theory, demonstrating that his approach to intellectual circles shows that these relationships go beyond a mere group of friends, enabling a more critical analysis of Chesterton's accounts in his autobiography; and finally, we present the research results, which consider that only a context of specific cultural hegemony would permit the occurrence of the Chesterton circle.*

**Key words:** Chesterton; Raymond Williams; Circles; Formations.

### Resumen

*El presente artículo busca analizar el círculo de Chesterton a partir de la teoría de Raymond Williams, permitiendo observar cuáles son los agentes que participan en la estructura de sentimientos en la que el autor está inmerso. El artículo está dividido en cuatro partes: la primera presenta la perspectiva epistemológica del enfoque del objeto; la segunda aborda la autobiografía de Chesterton con el propósito de entender su trayectoria familiar hasta convertirse en un hombre de letras; la tercera aborda la teoría de Williams, demostrando que su modo de abordar los círculos de intelectuales muestra que estas relaciones van más allá de un mero grupo de amigos, permitiendo analizar los relatos de Chesterton en su autobiografía desde una perspectiva más crítica; y, finalmente, presentamos los resultados de la investigación, que considera que solo un contexto de hegemonía cultural específica permitiría que el círculo de Chesterton ocurriera.*

**Palabras clave:** Chesterton; Raymond Williams; Círculos; Formaciones.

<sup>1</sup> Professor na Universidade Paulista (UNIP). Professor do ensino médio do estado de São Paulo. Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Currículo Lattes - <http://lattes.cnpq.br/6004893429205693>

# ..... Artigo .....

## INTRODUÇÃO

Este trabalho visa compreender Chesterton, com o foco nas relações pessoais do autor, a partir da teoria de Raymond Williams (2005) sobre o círculo de Bloomsbury. A partir dessa perspectiva, é possível perceber que o “círculo” de Chesterton não se trata apenas de um simples grupo de amigos, mas, sim, de um grupo de polemistas.

Talvez a melhor forma para pensar a vida de Chesterton seja ir na direção contrária de sua reflexão sobre a guerra – o princípio de que um verdadeiro soldado não luta com ódio pelo que está à sua frente, mas por amor pelo que está sendo defendido atrás dele. Com foco no principal inimigo a ser combatido por Chesterton – a expansão da individualidade, que acabaria com a própria ideia de indivíduo –, Mackey (2013, p. 27, tradução nossa) considerou Chesterton um profeta para o século XXI:

Outra característica essencial de Chesterton é que ele tinha uma das principais marcas do verdadeiro sábio, distinto do meramente inteligente, na medida em que seus pensamentos nunca foram circunscritos pelas modas e limitações intelectuais contemporâneas. Em *What's Wrong With the World* (1910), *Eugenics and Other Evils* (1910), *The Outline of Sanity* (1910) e em muitos outros livros e artigos, ele avançou ideias, reformulando filosofias mais antigas, que eram, naquela época, ridicularizadas. Defensores do capitalismo e do controle estatal monólito ridicularizaram sua feroz defesa da família, do pequeno proprietário e dos comerciantes e seus ataques ao mercantilismo na agricultura como sendo um anseio tolo e irreal por um retorno ao medievalismo. Hoje sabemos melhor. Vimos e sofremos os resultados do mercantilismo desenfreado e da dominação do Estado e seus agentes sobre nossa vida econômica, social e pessoal.<sup>2</sup>

Colocada a referência ao principal inimigo de Chesterton, o individualismo moderno (que pode se apresentar tanto como um capitalismo agressivo quanto no planejamento de uma economia socialista), fica mais fácil pensarmos no que Chesterton queria proteger, o que o autor considerava estar sendo ameaçado: o homem comum.

---

<sup>2</sup> No original: Another essential characteristic of Chesterton is that he had one of the chief marks of the truly wise, as distinct from the merely clever, in that his thoughts were never circumscribed by contemporary intellectual fashions and limitations. In *What's Wrong with the World* (1910), *Eugenics and Other Evils* (1910), *The Outline of Sanity* (1910), and in many other books and articles, he advanced ideas and perceptive restatements of older philosophies for which he was, at that time, ridiculed. Defenders of both Capitalism and monolithic State control derided his fierce defence of the family, and the small owner and tradesmen, and his attacks on commercialism in farming, as being a foolish and unrealistic yearning for a return to medievalism. Today we know better. We have seen and suffered the results of unbridled commercialism and of the domination by the State and its agents on our economic, social a personal lives.

# ..... Artigo .....

## DA FAMÍLIA AO HOMEM DAS LETRAS

Em sua *Autobiografia*, Chesterton (2012) lamenta não poder cumprir o seu dever de homem moderno e condenar a todos por terem feito dele o que ele é. Ao invés disso, o autor demonstra estar confiante de que, independentemente do que ele é hoje, é necessariamente culpa dele. Não é necessário contrapor essa opinião. Na verdade, este artigo pretende verificar como a análise de sua trajetória mostra um homem diverso e extremamente autônomo. Porém, é importante ressaltar o contexto social e principalmente o que Chesterton amava, independente do ser que ele era.

“Nasci de pais respeitáveis, porém honestos.” (Chesterton, 2012, p. 28). Chesterton utiliza essa referência à sua família para pontuar o mundo do qual ele veio: um mundo no qual a palavra “respeitabilidade” não era um termo ofensivo, mas tinha ligação com a ideia de ser respeitado. Para Chesterton (2012), o que permitia o uso da palavra “respeitável” associada com a honestidade era a existência de uma antiga classe média. Ou seja, uma classe média que não estendia a sua intimidade para o controle de seus criados, nem sequer invejava as grandes elites. Era uma classe média com orgulho de si própria e que teve a oportunidade de ser educada.

A grande referência histórica dessa classe média é a Era Vitoriana, conhecida pelo seu autoritarismo moral. Contudo, para Chesterton (2012), foi o que possibilitou uma independência maior no que se refere às consequências nefastas do capitalismo. O autor argumenta que as possibilidades do capitalismo moderno dividiram os homens em dois tipos: esnobes, que queriam entrar na alta sociedade; e pedantes, que queriam entrar em “sociedades” que se julgavam infinitamente superiores à rotina dos homens comuns (como vegetarianos, socialistas etc.).

Para Chesterton (2012), os defeitos do esnobismo e pedantismo do período vitoriano possuíam maior relação com o que estava por vir do que com o que se pretendia conservar. Os tiranos religiosos na Inglaterra vitoriana são analisados como produtos de um momento em que o homem de classe média ainda tinha filhos e criados a controlar – mas já não tinha credos, grêmios, reis ou padres para os controlar.

Sobre esse período, Chesterton (2012) cita dois exemplos marcantes da sua família. O primeiro é o de uma tia que fora jantar na casa de um nobre; porém, por algum motivo, os nobres tiveram que se ausentar. No jantar, essa tia acreditava que tinha de comer toda a

# ..... Artigo .....

refeição posta na mesa. Por outro lado, a empregada da família tinha a instrução de servir a visita enquanto ela estivesse comendo, e só poderia se servir quando a visita não aguentasse mais. A situação se tornou cômica. Chesterton não possuía a informação do que ocorreu primeiro: se a empregada morreu de fome, ou se a tia explodiu. Para Chesterton, esse exemplo mostrava o quanto a falta de orgulho dos valores próprios poderia ser nefasta.

Outro exemplo citado, agora de uma pessoa que pontuou os seus valores, é quando o pai de Chesterton precisava alugar um imóvel. O corretor o chantageou dizendo que poderia agir de maneira mais rápida, se tivesse algum incentivo. A resposta foi que o chefe do corretor iria ficar muito feliz com a dedicação do funcionário. Ao ver que o corretor reagiu de maneira assustada, o pai de Chesterton perguntou se o susto não era a prova da indecência da proposta.

Chesterton enxergava na classe média vitoriana um sentimento contrário à indiferença pessoal que o desenvolvimento do capitalismo e liberalismo trouxera – o sucesso se misturou com o cinismo, e o homem de negócios deixa de cuidar do dinheiro e começa a se preocupar em ganhar dinheiro. Esse homem não se pergunta sobre a licitude dos meios de agir em um mundo onde a individualidade destrói o verdadeiro individualismo – a possibilidade de as pessoas realmente decidirem o rumo de suas vidas – e uma indústria que destruiu o próprio significado de indústria – ou seja, a possibilidade de as pessoas realmente produzirem nos seus negócios.

Com a perspectiva da defesa do homem comum, já começando a sua atuação como um homem público de letras, Chesterton opta por uma polêmica decisão política ao dar apoio aos bôeres contra o Império Britânico. Para Chesterton (2012), os bôeres estavam certos em lutar e defender as suas fazendas e a sua pequena nação rural quando ela era invadida por um império sob o comando de financistas.

Nesse contexto, Chesterton propõe um paradoxo para o mundo político: nacionalismo e imperialismo não são a mesma coisa. A defesa de uma nação imperialista (no caso, a Grã-Bretanha) que interfere em outros povos não é uma defesa do seu povo. Consiste em uma defesa de um poder imperial que arrisca a vida do próprio povo. Na verdade, o nacionalismo seria a defesa do pequeno, da vida cotidiana, do homem comum.

No sentido da defesa do homem comum, McCleary (2009) enxerga a importância de Chesterton na resistência inglesa durante a Segunda Guerra Mundial. A influência não se

# ..... Artigo .....

refere a levantar a moral do povo no campo de batalha, mas a levantar a moral do povo em seu cotidiano, tornando a sua obra *The ballad of the White horse* uma referência durante esse período:

A própria experiência de Chesterton como jornalista e polemista deu-lhe ampla exposição às formas públicas de exposição oral e o convenceu da importância desse contato instantâneo e não mediado com o homem comum. Não é insignificante que Chesterton tenha morrido em 1936 e sua balada tenha sido fundamental para levantar a moral britânica na longa luta da Segunda Guerra Mundial. (McCleary, 2009, p. 133, tradução nossa).<sup>3</sup>

Outra obra de Chesterton que merece ser lembrada nesse contexto é *Napoleão de Notting Hill* (2016a), cuja história é sobre um homem que se dedica a defender um bairro do norte de Londres do próprio governo inglês. Espantado, o rei pergunta por que alguém defenderia Notting Hill, e o jovem Adam Wayne responde: “Por que não?”.

Em outro sentido de discussão, a lógica da defesa de Chesterton aos bôeres não é somente uma decisão polêmica contra os defensores do Império Britânico, mas também contra boa parte dos próprios defensores dos bôeres – que adotavam uma postura pacifista. Se, na crítica ao império, há a crença de que o militarismo era uma forma de tirania, em que o forte pode fazer tudo do seu jeito, há um outro lado: a consideração de que o pacifismo é uma posição carente de lealdade e do compromisso de defender os inocentes.

Como aponta Ahlquist (2018), por mais que, para Chesterton, a guerra seja uma coisa suja, há pelo menos uma coisa pior: a escravidão. Para não ser escravo, um povo deve ter o direito de defender a sua terra. A guerra só seria aceitável no seu sentido de defesa, e a melhor defesa seria a conversão do inimigo, ou seja, o inimigo se tornar amigo. Com esse argumento, se uma guerra não é santa, ela é necessariamente profana.

Essa posição perante uma guerra de seu próprio país fez o público rotulá-lo de polemista, resultando no afastamento de Chesterton de alguns grupos de amigos. Chesterton considera que essa posição fez surgir o monstro que Bernard Shaw chamou de “Chesterbelloc”. Belloc também era pró-bôeres, mas odiava os pró-bôeres pela sua visão pacifista da história.

---

<sup>3</sup> No original: Chesterton's own experience as a journalist and a polemicist gave him wide exposure to public oral forms of exposition, and convinced him of the importance of this instant, unmediated contact with the common man. It is not insignificant that Chesterton died in 1936 and his ballad was instrumental in stirring British morale in the long struggle of World War II.

# ..... Artigo .....

Ao analisar a história de Chesterton e a sua posição em relação à guerra dos bóeres, é importante registrar o sofrimento dos indivíduos diante da perda da liberdade de suas opiniões, devido ao próprio crescimento da imprensa – como o autor aponta na sua autobiografia. Chesterton (2012) relata que, em uma roda de discussão entre jornalistas e intelectuais a respeito do crescimento do Japão no século XIX, Churchill teria dito que o divertia que o Japão, enquanto belo e polido, tivesse sido tratado como bárbaro; mas, quando se tornara feio e vulgar, foi tratado com respeito.

Chesterton teria se posicionado, argumentando que, ao invés de imitar a Idade Média, os japoneses estavam imitando a Revolução Francesa – e isso era lamentável. Até que finalmente alguém comentou: “Por que os jornalistas que odeiam e temem os japoneses, mas, por a Inglaterra ser aliada dos japoneses, não podem escrever uma palavra nos jornais?” (Chesterton, 2012, p. 150).

Observamos que há uma preferência de Chesterton por pequenas instituições – no caso, em detrimento da grande imprensa, que estaria comprometida com diversos maniqueísmos políticos. Essa preferência às microrrelações também influenciou Chesterton em sua vida política, em especial na sua atuação no Partido Liberal. Se, ao lidar com as grandes lideranças do Partido Liberal, Chesterton se decepcionava contra a compra de candidaturas por membros mais afortunados (mas menos preparados para assumir cargos públicos), na sua militância de rua, o autor relata que se divertiu com a vida política nos interiores londrinos (Chesterton, 2012). Um exemplo desse sentimento é o de uma senhora que o recebeu dizendo ser eleitora do Partido Liberal e que transformou os seus antigos dois maridos conservadores em liberais. Ela garantiu que o seu terceiro marido, novamente conservador, estaria “pronto” para o período eleitoral.

Com relação à esquerda, Chesterton (2012) recorda de Will Crooks, líder trabalhista que possuía o humor popular inglês, muito mais poderoso do que qualquer tipo de eloquência burocrática. Ao invés de criticar o comunismo com o seu possível autoritarismo pelo crescimento do Estado, Crooks comentava: “Eles querem dar um passo maior do que as pernas.” (Chesterton, 2012, p. 153)

É importante ressaltar que Chesterton não via o humor como uma ferramenta “folclórica”, mas, sim, como uma arma retórica, que, como enfatiza Stapleton (2009), consegue desmontar a racionalidadeposta no século XIX. Assim, Chesterton escreve um

# ..... Artigo .....

ensaio comentando evolucionistas como Spencer e Grant Allen, intitulado *Deus precede fantasmas*. Ainda sobre o humor na obra de Chesterton, McCleary (2009) defende que o bom humor abre múltiplos significados inerentes a qualquer aspecto da realidade. O humor das classes populares é uma possibilidade real para entender o mundo.

Como escritor e jornalista, Chesterton também teve acesso a várias celebridades literárias – em especial, as sobreviventes do período vitoriano. As que mais marcaram o autor foram o pessimismo de Thomas Hardy, de quem Chesterton discordava a respeito da ideia de uma vida sem prazeres, mas também sem dores; Meredith – considerado um homem que vivia mais para os livros que ainda escreveria no futuro do que os livros de seu passado –, que gostava, conforme a observação de Chesterton (2012), mais de mulheres deslumbradas do que dos homens deslumbrados, devido à atenção que deu à esposa Frances; e Barrie, uma celebridade envolvida em um divertido relato de uma violenta cena de controvérsia literária: um crítico literário (chamado Hentley) arremessou sua muleta, acertando um outro crítico no estômago.

Nessas reuniões literárias, Chesterton (2012) menciona que o que sempre o incomodou foram as exigências de se fazer algo em prol do drama. Por isso, nesse meio, Chesterton nutria uma grande admiração por Alice Meynell: “Como fosse tão enfaticamente uma artesã, ela era enfaticamente uma artista e não uma esteta. Ela era um retrato do sol.” (Chesterton, 2012, p. 158). Essa posição de Chesterton corrobora a perspectiva analítica deste artigo, que se fundamenta em sua expressão popular (ao invés de julgamentos estéticos).

No entanto, o fato mais curioso nas observações de Chesterton aos grupos literários é a sua conclusão de não entender o porquê de se separarem em tantos grupos. Qual era sua finalidade? De certo modo, aqui aparece mais uma contestação de uma elite de esnobes. Chesterton claramente não era um homem que se definia por um grupo nem se preocupava com a fama (no presente ou no futuro). Chesterton era um agitador, como comenta Mackey (2009, p. 30, tradução nossa): “Ele não se importava com a fama em seu tempo ou no futuro. Ele era um propagandista; um agitador que ficava em pé na praça do mercado e estendia a mão para os homens e as mulheres comuns que ele amava tão desinteressadamente.”<sup>4</sup>

Considerando essa característica de agitador na vida social, qual seria a melhor análise

---

<sup>4</sup> No original: He cared nothing for fame either in his time or in the future. He was a propagandist; an agitator standing in the marketplace and reaching out to the ordinary man and women he so unaffectedly loved.

# ..... Artigo .....

sociológica para considerar as relações de Chesterton com o mundo da vida? Este artigo propõe como metodologia a ideia de formações de Williams e, como exemplo de aplicação, a análise que Williams (2011) fez a respeito do *Círculo de Bloomsbury*. A seguir, será explicado a validade da metodologia de Williams para o estudo da vida e da obra de Chesterton.

## AS FORMAÇÕES DE RAYMOND WILLIAMS

Williams (1979) verifica que há um intenso debate na crítica marxista em relação à influência da arte na sociedade. Essas teorias criticadas pelo autor analisam as artes como determinadas pela realidade social; como criadoras da consciência; ou assumem atitudes para atrapalhar ou ajudar uma determinada realidade. Para Williams, as três perspectivas são confusas.

Williams (2011) explica que a dificuldade de formular uma teoria da cultura marxista se encontra nos termos da formulação original de Marx. Para o autor, se se aceita “estrutura” e “superestrutura” não como os termos de uma analogia sugestiva, mas, sim, como descrições da realidade, os erros de análise persistirão. Mesmo que os termos sejam vistos como os de uma analogia, eles ainda precisam de correção.

Williams (2011) considera difícil responder o quanto os efeitos econômicos são determinantes na produção cultural. Assim, a cultura passa a ser um fator que nunca aparece isolado das preocupações econômicas.

Uma teoria marxista da cultura irá reconhecer a diversidade e a complexidade, levará em conta a continuidade dentro da mudança, levará em consideração a chance de certas autonomias limitadas, mas, com essas ressalvas, tomará os fatos da estrutura econômica e as relações sociais consequentes como o fio orientador no qual a cultura é tecida e que, seguido, nos permitirá compreender essa cultura. (Williams, 2001, p. 294).

Para Williams (2011), o século XIX teve de aprender, devido à magnitude de suas mudanças, que a organização econômica básica não podia ser separada e excluída das preocupações morais e intelectuais. Desse modo, ao buscar as relações entre literatura e sociedade, não é possível separar a prática literária de um corpo formado por outras práticas. Também não se deve entender essas práticas literárias como portadoras de uma relação uniforme, estática e a-histórica com algumas formações sociais abstratas. As artes da escrita

# ..... Artigo .....

e as artes de criação e representação deveriam ser entendidas como partes do processo cultural em todos os modos e setores diversos. Sobre isso, Williams (2011, p. 49) afirma:

Se tivermos nos referindo ao sentido amplo das forças produtivas, examinaremos toda a questão da base de forma diferente, e estaremos então menos tentados a descartar como superestruturais e, nesse sentido, como meramente secundárias – certas forças produtivas sociais vitais que são, desde o início, no sentido amplo, básicas.

Assim, com as práticas literárias consideradas um resultado tanto da base quanto das dimensões superestruturais (como as apropriações da cultura produzida e experimentada na vida cotidiana), seriam necessários novos conceitos para entender algumas atividades culturais, o que faz o autor desenvolver uma análise a partir das formações culturais.

Williams (1992) entende que as formações possuem uma teoria ou uma prática compartilhada, que dificulta a distinção de suas relações sociais diretas com as de um grupo de amigos com interesses comuns. Ou seja, haveria um problema de definição dos objetivos de determinada organização. Além disso, as formações podem possuir poucos integrantes, dificultando uma abordagem estatística de análise e possibilitando rápidas formações e dissolução entre seus participantes. Desse modo, ao observar tais dificuldades, Williams (1992) propõe que a análise a respeito de uma formação deve ser feita sobre a organização interna de determinada formação e sua relação com a sociedade de maneira geral.

Do ponto de vista da análise interna de uma formação, o autor considera que há três tipos diferentes de organização interna. O primeiro tipo se constitui com base em uma participação formal de associados, e as organizações possuem constituição e eleição interna. O segundo tipo são organizações que se formam em torno de um manifesto público coletivo – geralmente é utilizado um jornal, uma exposição ou uma manifestação específica para tal causa. O terceiro tipo se refere às organizações pautadas em relações conscientes, com identificação grupal; mas se manifesta de maneira informal ou ocasional – comumente essas organizações estão vinculadas a um grupo de trabalho ou a outras relações de caráter geral.

Pode-se adiantar que é esse tipo de formação (terceiro tipo) que este artigo pretende verificar na vida de Chesterton. Por mais que Chesterton tenha participado de alguns grupos como o *Detection club*, Liga Distributista e Partido Liberal, na trajetória do autor, existem relações muito fortes com pessoas que não eram membros desses grupos. Até mesmo com Belloc há momentos informais, inclusive de discordância, se comparado com os momentos de

# ..... Artigo .....

maior afinidade na Liga Distributista.

Do ponto de vista da análise das relações externas, Williams (1992) também as divide em três tipos. O primeiro tipo é o das relações especializadas, como no caso de atividades de apoio ou de promoção em determinados meios ou ramos de um ofício. O segundo tipo é o de relações que buscam alternativas para a produção, a exposição ou a publicação de um tipo de trabalho, acreditando que as alternativas são excluídas das instituições dominantes. O terceiro tipo é o das relações contestadoras no tocante às instituições estabelecidas, como futuristas, dadaístas ou surrealistas. Novamente, percebe-se que Chesterton se encontra no terceiro tipo de formação, devido às inúmeras polêmicas que o acompanharam, bem como aos debates acalorados de seus círculos.

Apresentados os tipos de organizações internas e externas, há dois pontos que se devem ressaltar. O primeiro é que não há uma correspondência direta entre as relações externas e as relações internas, ou seja, é possível ter uma formação com uma relação interna de primeiro tipo e externa de terceiro tipo. O segundo é que não se pode fazer uma mera classificação das instituições em tipos, pois uma análise correta deve considerar as mudanças históricas da sociedade. Sobre isso, Williams (1979, p. 134) afirma que:

Estamos interessados em significados e valores tal como são vividos e sentidos ativamente e as relações entre eles e as crenças formais ou sistemáticas são, na prática, variáveis (inclusive historicamente variáveis), em relação a vários aspectos, que vão do assentimento formal com dissenso privado até a interação, mas nuancadas entre crenças interpretadas e selecionadas, e experiências vividas e justificadas.

É por meio da análise das mudanças nas condições sociais gerais que Williams (1979) explica o motivo de as formações alternativas e contestadoras se tornarem comuns apenas no século XIX, apesar dos ideais desse tipo de formação terem surgido no fim do século XVIII.

Para Williams (1979), ocorreu uma mudança na estrutura interna da classe dominante. Antes, com aristocratas e toda a sociedade mercantil, os conflitos eram resolvidos pela mudança de patronos e intermediários. Com o advento do mercado como possibilidade de solução de conflitos, o surgimento de associações era inevitável. Porém, para as associações não serem sempre defensivas, ou seja, para possuírem a possibilidade de propor uma demanda, era necessário o apoio de uma ordem social dominante. Isso significa que uma fração da classe dominante será contestada. Percebe-se, na obra de Williams (1979), a

# ..... Artigo .....

distinção entre sociedade e as sociedades propostas por Chesterton.

Assim, os conflitos internos da classe dominante e o modo como as formações lidam com esses conflitos são fundamentais para o sucesso de uma formação. Williams (2005) exemplifica a ideia com três exemplos: Godwin e seu círculo; a Irmandade Pré-Rafaelita; e o círculo de Bloomsbury.

Godwin e seu círculo se formaram no final do século XVIII, com preocupações a respeito de uma dissidência religiosa buscar o racionalismo e sobre a reforma parlamentar, além da ampliação da educação com o intuito de remover outros obstáculos culturais para a livre busca intelectual. Godwin e seu círculo construíram uma formação consciente de identificação e de grupo, manifestada de forma informal, com um caráter alternativo à ordem social vigente (que se sentia ameaçada pela revolução burguesa). O resultado foi uma série de perseguições e conflitos.

A Irmandade Pré-Rafaelita, por sua vez, foi fundada por três jovens pintores em 1849, período em que a revolução burguesa já estava estruturada. A característica fundamental dessa organização foi a sua rejeição a convenções acadêmicas e uma observação inesgotável da natureza. Foi uma formação com oposição consciente às principais tendências culturais de sua classe. Ela inclusive entendia o “medievalismo” como uma crítica à civilização comercial e industrial do século XIX.

Devido à mudança do período histórico, a Irmandade Pré-Rafaelita não sofreu as repressões que Godwin e seu círculo sofreram. Além disso, suas ideias foram consideradas pela próxima geração, suscitando a hipótese de que a Irmandade Pré-Rafaelita figurava o problema de uma burguesia comercial em ascensão, mas sem um estilo definido.

Por último, Bloomsbury foi nitidamente uma formação de tipo III, sendo considerada um grupo de amigos pelos seus integrantes. Williams (2005) considera que a reforma educacional e do sistema público feita anteriormente na Inglaterra foi fundamental para a formação do círculo de Bloomsbury, já que seus integrantes, de maneira geral, derivavam de famílias de profissionais liberais e funcionários públicos – e o grupo foi formado e cresceu em Cambridge. Aparece, na análise de Williams, a reforma educacional que também foi apontada por Chesterton na formação de uma classe média que teria orgulho de si.

Assim, Bloomsbury pertence à classe dominante (industrial e comercial), expressando interesses de tradição burguesa e a necessidade de uma ordem social e cultural

# ..... Artigo .....

para os indivíduos serem livres de fato. Porém, devido aos seus valores de educação superior, o círculo de Bloomsbury apresenta duas divergências fundamentais com a sua classe. A primeira diz respeito à busca intelectual livre e tolerante; e a segunda, de mesma ordem, é a crítica à exclusão de mulheres no reformismo educacional.

Após exemplificar e aprofundar as características internas e externas das formações em tensão com o contexto histórico, Williams (2005) apresenta novos critérios de análise, que visam entender as formações como simples ou complexas e como nacionais ou paranacionais.

Williams (2005) considera que a Irmandade Pré-Rafaelita é uma formação simples se comparada ao círculo de Bloomsbury e a Godwin e seu círculo, pois, internamente, a Irmandade Pré-Rafaelita não obtinha a variedade de membros que havia em Bloomsbury e não possuía as dificuldades nas relações externas que Godwin e seu círculo encontravam. Contudo, as três formações eram nacionais. Williams (2005) afirma que as formações paranacionais se tornaram mais fortes no século XX e possuem como características uma vanguarda com base metropolitana e elevada proporção de imigrantes entre seus membros. As formações paranacionais propõem rupturas não só com estilos tradicionais locais, mas também entre os imigrantes, formando uma linguagem comum internacional: a língua metropolitana. Nesse sentido, Williams (2005) enxerga um paradoxo nas formações paranacionais, pois elas propõem uma ruptura com práticas tradicionais dominantes e se tornam uma cultura dominante em um período metropolitano e internacional. De certo modo, Williams acaba encontrando a mesma tensão de Chesterton: a tensão entre nação e império.

Williams (2005) procura enxergar o círculo de Bloomsbury e as suas realizações como um fato que pode nos contar sobre o mundo e suas incertezas. Porém, os membros do círculo de Bloomsbury se consideravam como um grupo de amigos. Williams (2005) busca sair de uma análise interna do grupo para desenvolver uma abordagem histórica e mais ampla, com relações de classe social e educação geral. Entretanto, considera importante levar em conta a maneira como o grupo se enxergava. Para resolver a tensão, o autor propõe duas perguntas para a análise do círculo de Bloomsbury. A primeira é se as atividades partilhadas foram elementos de sua amizade; e a segunda é se os fatores sociais e culturais influenciaram na maneira como se tornaram amigos. Williams (2005) propõe investigar a “autodefinição” interna do círculo como um “grupo de amigos”, perguntando o que era Bloomsbury social e culturalmente, de maneira distinta, mas relacionada às conquistas dos membros e das relações

# ..... Artigo .....

internas do grupo.

Com isso, Williams (2005) mostra que a franqueza e a consciência social faziam parte da estrutura de sentimentos do grupo. Assim, o círculo de Bloomsbury não foi somente uma fração da classe dominante, mas uma parte que se distingua do estado mental da classe dirigente. Como argumenta Williams (2005, p. 211):

Uma fração da classe dominante, rompendo com a sua maioria dominante, relaciona-se com a classe baixa por uma questão de consciência: Não em solidariedade, não em afiliação, mas como uma extensão do que ainda é percebido como uma obrigação pessoal ou de um pequeno grupo simultaneamente contra a crueldade e a estupidez do sistema e em prol de vítimas que, de outra forma, estariam relativamente abandonadas.

É importante levar em consideração o desenvolvimento da classe dominante e a fração de classe que forma o círculo, pois Godwin e seu círculo possuem semelhanças com Bloomsbury em termos de valores e ideias internas. No entanto, suas relações com uma classe dominante, que, em 1780, não havia desenvolvido as ideias iluministas e se sentia ameaçada pelo período de revoluções burguesas, condenaram seus planos, submetendo os seus membros a severas repressões.

De certo modo, Williams (2005) considera que o círculo de Bloomsbury foi fundamental para fazer um serviço para a sua própria classe, pois a classe dominante tinha necessidades e tensões internas em um período de crise social, política, cultural e intelectual. O círculo de Bloomsbury defendeu ideias como a liberalização no plano das relações pessoais, a abertura intelectual e o contato com outras culturas. Essas ideias foram tendências após a Primeira Guerra Mundial, e as instituições dominantes continuaram a prevalecer (pois as ideias continuaram a ser aplicadas).

Assim, ocorreu uma contradição entre as ideias cultas de Bloomsbury, contribuindo com as instituições de sua classe, que era formada por um vasto sistema convencional de dominação com os contrapontos de sua classe, seja na questão de gênero ou da necessidade de democratização da educação. De fato, o círculo de Bloomsbury acreditava que a pluralização com mais indivíduos civilizados era a única direção social aceitável, sendo fundamental para isso uma educação democrática e o rompimento com as barreiras de gênero.

Por fim, Williams (2005), por meio dessa elaboração teórica, conclui que os valores clássicos do iluminismo burguês de expressão livre e não obstruída do indivíduo civilizado

# ..... Artigo .....

de Bloomsbury foram o fator fundante do grupo que se apresentava como um “grupo de amigos”. De certo modo, Williams consegue mostrar o “fetiche” da expressão “grupo de amigos”, que escondia as bases dos valores do iluminismo burguês.

A ideia de consciência social também tem valor de fetiche para Williams, pois são as ações normativas da consciência social o que forma e protege o cidadão individualizado burguês, já pertencente a “sociedades”, nos termos de Chesterton.

E o objeto governando todas essas intervenções públicas busca garantir esse tipo de autonomia encontrando formas de diminuir as pressões e os conflitos, e de evitar desastres. A consciência social, ao cabo, está lá para proteger a consciência privada. (Williams, 2005, p. 22).

A tese de Williams de que uma consciência social era a base da estrutura de sentimentos do círculo de Bloomsbury, desmistificando a ideia de que esse grupo era um mero grupo de amigos, ilustra o desafio de entender o círculo de Chesterton. Qual era a estrutura de sentimento do círculo de Chesterton? As características de combativo, polemista e humorado que constantemente aparecem relatadas nas obras de vários comentadores podem ser expandidas para o seu círculo? Indo além dos conceitos de tipos de formações e das características externas de contestadores, Williams (1979) acrescenta a ideia de uma estrutura de sentimentos que dá conta de entender o que move a ação dentro do seu acontecimento.

Se o social é sempre passado, no sentido de que é sempre formado, temos na verdade de encontrar outros termos para a experiência inegável do presente; não só o presente temporal, mas o presente específico de ser, dentro do que podemos realmente discernir e reconhecer instituições, formações, posições, mas nem sempre como produtos fixos, definidores. E se o social é fixo e explícito, tudo o que está presente e se move, tudo o que escapa ou parece escapar ao fixo, explícito e conhecido, e compreendido e definido como o pessoal: este, aqui, agora, vivo, ativos, “subjetivo”. (Williams, 1979, p. 131).

Por mais que os círculos de Chesterton não tivessem uma titulação específica como Godwin, pré-rafaelitas e Bloomsbury, há, dentro das relações postas por Chesterton, relações internas, externas e uma estrutura de sentimentos polemistas que movem as ações dos agentes. Se, no círculo de Bloomsbury, estava em jogo a consciência social, no círculo de Chesterton está em jogo o combate de ideias.

O combate de ideias é tão forte na estrutura de sentimentos do círculo de Chesterton, que, inclusive, se torna fonte de risco de vida para muitos de seus membros. São agredidos, são

# ..... Artigo .....

presos<sup>5</sup>, criam amigos e inimigos, perdem e ganham empregos. Então, cabe mostrar que a vida social de Chesterton não é meramente formada por um círculo de amigos, mas por um círculo de amigos com uma estrutura de sentimento própria – uma estrutura combativa.

Assim, é importante falar sobre as principais amizades de Chesterton, buscando nos relatos mais do que meras histórias privadas, mas uma estrutura de sentimentos que tem o combate de ideias como norte. Com base nas amizades de Chesterton, algumas já citadas neste artigo, observamos os elementos centrais da vida social do autor.

Pode-se começar pela esposa de Chesterton. O escritor deixa claro na sua autobiografia o seu amor por sua esposa (Francis) e cita uma aventura na lua de mel que os levou a um vilarejo formado por uma encruzilhada chamada “beaconsville”. Por compartilharem o mesmo senso de humor, acharam que era um bom vilarejo para morarem. Chesterton sempre admirou a espiritualidade de sua esposa ao zombar dele. Aparentemente, a zombaria também era uma característica da esposa de seu amigo Belloc. Chesterton relata que, em um passeio próximo da casa de Belloc, os dois casais saíram para dar uma volta, e Belloc, embriagado, criou um poema:

Éramos jovens, éramos joviais, / Então éramos muitos sapienciais, / E na nossa festa aberta estavam / As portas quando por elas passaram: / Uma mulher, em seus olhos o Oeste / Um homem, de costas para o leste. (Chesterton, 2012, p. 252).

As duas esposas, que apreciavam mais o clima quente. No final do passeio, fizeram a sua versão do poema:

Estávamos geladas, nós sofriámos, / A verdade é quase que morríamos, / eis que vem uma mulher, nos encara, / Pela porta aberta, o frio óbvio na cara;/ E com ela um homem de traseiro, / Ao contrário, voltado ao fogareiro. (Chesterton, 2012, p. 253).

Apesar de o foco de análise não ser esses relatos da vida privada, tais passagens, que podem soar insignificantes à primeira vista, confirmam que Chesterton não somente gostava de debater nos jornais e nos eventos com outros intelectuais, mas também na sua intimidade. Mesmo quando não existe o confronto de ideias em si, o relato é apresentado de maneira a corroborar que as situações meramente inusitadas aparecem como conflitos marcantes.

<sup>5</sup> Chesterton teria sido agredido em um bar por conta de seu apoio aos bôeres. Cecil Chesterton, irmão de Chesterton, foi condenado por antipatriotismo devido ao seu apoio aos bôeres.

# ..... Artigo .....

Um caso que exemplifica a questão é o de Henry James, um americano que admirava muito as tradições inglesas. Ao saber que Chesterton estava retornando de uma viagem, James o recebeu e ofereceu uma carona até a casa de Chesterton – e, com toda polidez, criou uma típica situação de hora do chá. Porém, logo o americano com requintes de inglês se assustou com o fato de Belloc e um amigo do Ministério de Relações Exteriores terem chegado de uma aventura urrando por bebida e comida, acusando-os um ao outro de terem tomado banho, violando um pacto de vagabundos. Para Chesterton, esse dia deveria exemplificar um livro de compreensão anglo-americana.

A visão que Chesterton tinha de Belloc também era combativa. Para Chesterton, Belloc era um poeta inglês, mas um soldado francês, com sua fé na república. Ainda sobre Belloc, o confronto de ideias a respeito de uma obra de Belloc aparece como outro ponto da estrutura de sentimento que estamos elaborando: no caso, a repercussão do livro *O estado servil*. Os dois amigos se decepcionaram com a recepção da obra, não por ser negativa, mas por ter sido feita por críticos que claramente não a leram. A tese do livro era a de que o movimento socialista não levava ao socialismo, pois já estávamos habituados a aceitar a servidão como se aceita a luz do sol.

Se Belloc era o amigo republicano, o principal amigo socialista de Chesterton era Bernard Shaw. Para Chesterton, Shaw mostrava o melhor de si quando estava errado, o que era ótimo, pois tudo nele estaria errado, exceto ele próprio. Chesterton dividiu as suas discussões com Shaw desde assuntos corriqueiros até as maiores complexidades filosóficas. De um lado, estava Chesterton defendendo a família, o bife, a cerveja, o nacionalismo, os aliados e os limites do homem. Shaw, do outro, defendia o Estado, o vegetarianismo, o imperialismo, o pacifismo e o super-homem. As contradições não afastavam Chesterton de Shaw, mas os aproximavam.

Um dos amigos de Chesterton foi a inspiração para o personagem do Padre Brown: o padre John O'Connor. Chesterton relata que a inspiração foi mais semelhante com uma pintura do que com uma fotografia. Isso porque, em uma pintura, é possível a transformação em uma caricatura. Padre O'Connor era elegante, delicado e habilidoso (ao contrário do personagem fictício). Os dois se conheceram em uma palestra no norte de Londres (no bairro de Yorkshire), onde Chesterton havia chegado durante uma nevasca e o padre, solidário, o acolheu. O que mais impressionou o escritor foi como o padre era querido na região, principalmente pelos protestantes.

# ..... Artigo .....

Entretanto, o acidente que resultou nas histórias de detetive ocorreu durante um combate de ideias. Em um passeio por um pântano perto da casa de Chesterton, o autor confessou que queria sustentar uma defesa sobre crimes, e o padre refutou a possível obra, relatando práticas satanistas que chocaram Chesterton (que futuramente se converteria ao catolicismo). No retorno para casa, o padre começou a discutir música e arquitetura com dois estudantes de Oxford. Após o padre se retirar, os dois estudantes que estavam impressionados com a sabedoria do sacerdote acabaram falando que era mais fácil gostar dessas coisas quando se vive em um claustro e não se sabe nada sobre o verdadeiro mal do mundo. Chesterton achou essa sequência de eventos divertida, e assim criou os romances policiais do Padre Brown.

Até aqui, pode-se observar uma diversidade de ideias somadas a uma estrutura de sentimentos combativa no círculo de Chesterton. A pergunta é: como, no contexto de combate, poderia se formar uma unidade? Como Chesterton, Belloc, Shaw, Wells, Francis, Churchill, entre outras figuras públicas (como escritores e políticos) poderiam estar juntos se a sua definição é ser combativa? Deve haver algum elo desses elementos além do combate de ideias (que, por definição, seria um motivo de separação). Este artigo defende que o elo seria a cultura inglesa.

O próprio Chesterton dá essa pista ao comentar que Belloc era um poeta inglês, mesmo sendo um soldado francês. Torna-se interessante perceber que os escritores de caráter parnasiano não aparecem como centrais nos comentários de Chesterton. Stapleton (2009) lembra que, para Chesterton, o movimento arte pela arte seria doentio, afinal, seria uma negação de uma arte inglesa: “Para Chesterton, o movimento da “arte pela arte” na arte e nas letras do final do século XIX, influenciado pelo novo romantismo pagão de Théophile Gautier, foi uma manifestação primordial do mal-estar da mente criativa moderna.” (Stapleton, 2009, p. 58).

Retomando o exemplo do começo deste artigo (de que um soldado não luta pelo ódio do que está na sua frente, mas pelo que ele ama que está atrás), o principal motivo para Chesterton condenar o movimento arte pela arte é a admiração que o autor possuía pelas obras que relatavam o povo inglês, sendo que o grande exemplo é Charles Dickens.

Ker (2012), na sua obra biográfica sobre Chesterton, é muito feliz ao associar a produção dos comentários de Chesterton sobre Dickens com o contexto dramático

# ..... Artigo .....

envolvendo o insucesso da cirurgia de Francis e sua impossibilidade de ter filhos. Ker (2012) relembra que o que Chesterton mais admirava na obra de Dickens é o seu aspecto antinietschiano e antiBernadShaw. Ou seja, mostra a sua valorização do homem comum, não de um super-homem que esnobaria os homens mais simples.

A história infeliz da infância de Dickens nos primeiros bairros industriais, combinada com o otimismo de suas obras, mesmo quando os finais são mais confortáveis do que felizes, com certeza causaram impacto na vida de Chesterton. Sobre isso, Ker (2012, p. 16, tradução nossa) afirma:

Dickens, então, era “a voz na Inglaterra dessa embriaguez e expansão humana, desse encorajamento de qualquer um pode ser qualquer coisa”. Nenhum escritor jamais “incentivou tanto seus personagens” em livros que são “um carnaval de liberdade”. Na verdade, eles são como “crianças mimadas”.<sup>6</sup>

De fato, quando lemos a obra de Chesterton sobre Dickens, conseguimos ver a influência não só do otimismo em uma situação confortável (mesmo não sendo alegre), como também a influência literária na construção dos personagens. Para Chesterton (2019), Dickens conseguiu fazer uma caricatura da vida social inglesa, assim como ele na construção do personagem Padre Brown. Como uma boa caricatura, a caricatura de Dickens parece ser mais original do que o original (Chesterton, 2019).

Para entender melhor a relação entre Chesterton e Dickens (2002), observa-se a crítica que Chesterton faz sobre *O conto de duas cidades*. Essa obra de Dickens, segundo Chesterton (2019), é sobre uma cidade que ele entendia (Londres) e uma cidade que ele não entendia (Paris). Chesterton (2019) mostra como Dickens é feliz ao colocar as questões humanas de Sidney Carton: a sua morte na guilhotina é uma tragédia muito maior do que qualquer injustiça que a Revolução Francesa possa ter feito (em um contexto que, para Dickens, era claramente mais trágico do que o caminho da história inglesa).

No entanto, Dickens deu, nesse livro, um toque perfeito e final a toda essa concepção de mera rebeldia e mera natureza humana. Carlyle escreverá a história da Revolução Francesa e fizera da história uma mera tragédia. Dickens escreve a história sobre a Revolução Francesa e não faz da Revolução em si a tragédia. Dickens sabe que um surto raramente é uma tragédia; geralmente é a prevenção de

<sup>6</sup> No original: Dickens, then, was “the voice in England of this humane intoxication and expansion, this encouraging of anybody to be anything”. No writer has ever “encouraged his characters so much” in books that are “a carnival of liberty”. Indeed, they are like “spoilt children”.

# ..... Artigo .....

uma tragédia. Todas as tragédias reais são silenciosas. (Chesterton, 2019, p. 12, tradução nossa).<sup>7</sup>

Não é o intuito ser mais genial do que o próprio gênio. Mas, na obra *O conto de duas cidades*, há um momento que explicita a visão de Chesterton da obra de Dickens, especificamente no confronto entre a Madame Pross (empregada de uma família inglesa) e a Madame Defarge (dona de uma pensão e uma cidadã importante para os tribunais de guilhotina da Revolução Francesa).

Ironicamente, o diálogo é marcante pela própria incapacidade de se realizar. Enquanto Madame Pross só sabe falar inglês, Madame Defarge só sabe falar francês. Mas a tensão ocorre com a inglesa tentando ganhar tempo para a fuga dos seus patrões, enquanto a francesa busca verificar se os futuros condenados ingleses estavam nos quartos. Após as duas não conseguirem nem ao menos entender as ameaças que elas próprias trocavam, Madame Defarge tenta invadir um quarto e entra em confronto físico com Madame Pross. Mesmo agarradas, Madame Pross consegue alcançar uma arma e atira na cabeça da francesa.

A história se desenrola com Madame Pross, ansiosa, indo em direção ao local marcado para embarcar em sua carruagem e fugir para Londres. Quando o seu chofer chega, ela percebe que ficou surda devido ao tiro que disparou perto dos seus ouvidos. Madame Pross consegue chegar a Londres, depois de ela ter dito que já estava farta dessa história de “liberdade” da Revolução Francesa. Mas chega surda, como consequência do tiro em Madame Defarge para salvar os seus patrões. É o otimismo que Chesterton comenta em Dickens: a situação é confortável mesmo que não seja feliz. É o caráter inglês que compõe o círculo combativo de ideias de Chesterton. É possível ter uma unidade nesse círculo de estrutura de sentimentos combativa de Chesterton, pois a felicidade não aparece como questão, mas, sim, a busca por uma situação confortável a partir da lealdade a um grupo.

Em *Ortodoxia*, Chesterton (2013c) cita que o verdadeiro amor cristão é o da mulher ao marido e não o dos amigos. Chesterton brinca que os amigos se amam pelos seus defeitos e conseguem aturar as bebedeiras em conjunto. Mas o amor verdadeiro é o da mulher, que ama o

---

<sup>7</sup> No original: Yet Dickens has in this book given a perfect and final touch to this whole conception of mere rebellion and mere human nature. Carlyle had written the story of the French Revolution and had made the story a mere tragedy. Dickens writes the story about the French Revolution and does not make the Revolution itself the tragedy at all. Dickens knows that an outbreak is seldom a tragedy; generally, it is the avoidance of a tragedy. All the real tragedies are silent.

# ..... Artigo .....

marido o suficiente para ser leal à bebedeira e o bastante para querer mudá-lo. Com base nesse amor, qualquer combate de ideias pode ser agregador, ao invés de segregador. Esses agentes do círculo de Chesterton – que pode ser lido como círculo de Shaw ou Belloc, dependendo do referencial de interesse do leitor – eram leais a essa cultura inglesa, mesmo querendo convertê-los em católicos, republicanos, comunistas etc. É o que Chesterton não via nos parnasianos.

Essa estrutura de sentimentos de um círculo com agentes polemistas, no qual Chesterton estava inserido, de personagens tão diversos em opiniões políticas, origens nacionais e de classe traz um desafio do ponto de vista da perspectiva de Williams: como entender as relações concretas do grupo com a totalidade do sistema social, sendo que em Bloomsbury e nos outros círculos analisados por Williams (2005) se encontrou uma unicidade inclusive em objetivos de classe? Pontes (1996), por exemplo, encontra semelhanças análogas às encontradas por Williams ao analisar o Grupo Clima, formação que remonta aos final dos anos de 1930 na USP. A respeito disso, Pontes (1996) diz:

Como tais, merecem um tratamento contextualizado que, sem perder de vista o alcance analítico das obras que individualmente produziram, seja capaz de resgatar o espaço social e cultural mais amplo que conformou a experiência de todos: as origens semelhantes; o grupo de juventude a que pertenceram antes de se tornarem intelectuais consagrados; a Faculdade na qual se inseriram, primeiro como estudantes, posteriormente como professores; a revista com que se projetaram; os contenciosos em que se envolveram; as influências recebidas; as alianças celebradas; os desafios perseguidos; os constrangimentos institucionais enfrentados; os projetos intelectuais que implementaram. (Pontes, 1996, p. 8).

Observando que alguns círculos de intelectuais poderiam não ter as suas semelhanças de classe de maneira satisfatória, Passiani (2018) explicita essa possível dificuldade na obra de Williams e Gramsci:

As abordagens de Gramsci e Williams revelam alguns dos possíveis nexos teóricos entre classes sociais e intelectuais, mas não resolvem inteiramente a questão, uma vez que descortinam as ambivalências dos intelectuais – e nem sempre conseguem interpretá-las devidamente – e não levam em conta a possibilidade de sua migração interclasse. Como bem alerta Christophe Charle (1995, p. 92), os intelectuais não formam uma facção política homogênea. (Passiani, 2018, p. 27).

Continuando, Passiani (2018), traz a argumentação de Mannheim a respeito dos grupos de intelectuais, entendendo que o intelectual pode surgir de diversas origens e não corresponderia a uma classe em específico, como no trecho de Passiani (2018) a seguir:

# ..... Artigo .....

A posição de classe, portanto, no caso dos intelectuais – ou intelligentsia, conforme Mannheim –, é uma posição entre outras e uma das várias motivações para o pensamento e para a ação. Uma das características fundamentais do intelectual moderno, de acordo com a embocadura argumentativa mannheimiana, é a de que este não constitui uma casta ou estamento fechados, mas, sim, um grupo aberto às pessoas das mais variadas procedências, sejam elas de classe, gênero, raciais, idade etc. Os intelectuais aparecem e comportam-se como “renegados que abandonaram seu estrato de origem” (Mannheim, 2001, p. 114). (Passiani, 2018, p. 28).

No entanto, para este trabalho, existe a seguinte contradição: por mais que não seja possível analisar uma casta de origem dos intelectuais que compõem esse grupo de polemistas (e eles não estão formando uma facção política homogênea), há, por outro lado, a análise da existência de uma estrutura de sentimentos que compartilha a união do grupo em torno da polêmica, para além dos posicionamentos políticos, religiosos, culturais etc. Assim, a chave de análise dessa estrutura de sentimentos de polemistas estaria pautada em outro fator da base da produção cultural, outro argumento levantado por Williams (2011) e por Gramsci, que seria a análise da hegemonia dominante. A respeito da hegemonia, Williams afirma:

De qualquer forma, o que tenho em mente é o sistema central, efetivo e dominante de significados e valores que não são meramente abstratos, mas que são organizados e vividos. É por isso que a hegemonia não pode ser entendida no plano da mera opinião ou manipulação. Trata-se de todo um conjunto de práticas e expectativas; o investimento de nossas energias, a nossa compreensão corriqueira da natureza do homem e do mundo. (Williams, 2011, p. 53).

Argumentamos que, para existir uma estrutura de sentimentos polemistas na Inglaterra de Chesterton, haveria de ter uma hegemonia na base das criações culturais que permitiria discussões polêmicas, o que corrobora as próprias análises feitas por Williams (2005) sobre as formações anteriores – em especial, Bloomsbury, na centralidade do desenvolvimento de ideias do iluminismo burguês e de expressões livres. Ou seja, a própria análise de Williams indica uma hegemonia cultural que permitiria uma estrutura de sentimentos polemistas no contexto inglês em que Chesterton vivia.

Para além disso, Williams enxerga, no conceito de hegemonia, duas perspectivas de lutas políticas: uma residual, que traz à tona os temas das tradições, e outra emergente, que possui as perspectivas do progresso. A respeito da residual, Williams expõe que:

# ..... Artigo .....

O mesmo é verdade, numa cultura como a da Grã-Bretanha, para certas noções derivadas de um passado rural que possuem uma popularidade bastante significativa. Uma cultura residual está geralmente a certa distância de cultura dominante efetiva, mas é preciso reconhecer que, em atividades culturais reais, a cultura residual possa ser incorporada à dominante. (Williams, 2011, p. 56).

Percebemos que Williams já analisa que, na hegemonia cultural inglesa, há uma possibilidade de a cultura residual ser incorporada pela dominante, até mesmo por sua grande popularidade rural, onde se encontra a base de parte da filosofia de Chesterton (2016b) e de seus argumentos a respeito do distributismo. Se, por um lado, podemos colocar Chesterton e Belloc na perspectiva residual, onde poderíamos entender Shaw e Wells na teoria a respeito da hegemonia cultura de Williams (2011), esses estariam nas manifestações emergentes. Sobre isso, Williams afirma que:

Por “emergente” quero dizer, primeiramente, que novos significados e valores, novas práticas, novos sentidos e experiências estão sendo continuamente criados. Mas há, então, uma tentativa muito anterior de incorporá-los, apenas por eles fazerem parte- embora essa seja uma parte não definida- da prática contemporânea efetiva. (Williams, 2011, p. 57).

O círculo de Chesterton possui agentes contestadores com características residuais (como Chesterton) e emergentes (como Shaw), que debatem no seio de uma cultura dominante. Conforme explica Williams:

O que temos realmente de dizer, como uma maneira de definir os elementos importantes tanto do residual como do emergente, e como um meio de compreender o caráter do dominante, é que nenhum modo de produção e, portanto, nenhuma ordem social dominante, nunca na realidade, inclui ou esgota toda a prática humana, toda a energia humana e toda a intenção humana. Não se trata apenas de uma proposição negativa, permitindo-nos explicar coisas significativas que acontecem fora, ou contra o mundo dominante. Pelo contrário, é um fato sobre os modos de dominação, que selecionam em toda a gama da prática humana e, consequentemente dela exclama. O que é excluído pode com frequência ser considerado como o pessoal ou o privado, ou como o natural ou mesmo metafísico. Na verdade, é habitualmente num ou outro desses termos que a área excluída se expressa, já que o dominante se apossa efetivamente do que é a definição vigente do social. (Williams, 1979, p. 128).

## CONCLUSÕES

Assim, o círculo de polemistas do qual Chesterton participa não forma uma facção política nem possui uma casta social em comum. Isso não é um indicativo de que sua formação

# ..... Artigo .....

não tenha uma explicação antropológica ou sociológica, sendo explicada somente pelo caos dos acontecimentos. Pelo contrário, entendemos que uma estrutura de sentimentos polemista só poderia surgir dentro de uma hegemonia cultural que permitiria argumentos de aspectos residuais e argumentos de aspectos emergentes, possibilitando fortes discussões, mas também grandes amizades.

Assim, é possível concluir que o círculo de Chesterton se refere a um tipo de organização pautada em relações conscientes, com identificação grupal; mas se manifesta de maneira informal ou ocasional, obtendo em sua estrutura de sentimento um caráter combativo que era hegemônico na Inglaterra de Chesterton. Havia uma série de contestações às instituições estabelecidas por diversos agentes, desde uma perspectiva conservadora (como a de Chesterton), republicana (como a de Belloc) ou socialista fabiana (como a de Shaw). Ou seja, a hegemonia cultural de uma Inglaterra polemista era forte o suficiente para servir à estrutura de sentimento de um círculo de agentes polemistas. Logo, isso servia para que seus membros se aproximassesem.

## REFERÊNCIAS

- AHLQUIST, Dale. **O pensador completo:** a mente maravilhosa de G. K. Chesterton, Campinas: Edições Cristo Rei, 2018.
- CHESTERTON, Gilbert. **Dickens.** Belo Horizonte: E-artnow, 2019. CHESTERTON, Gilbert. **Napoleão de Notting Hill.** Campinas: Ecclesiae, 2016a.
- CHESTERTON, Gilbert. **Um esboço da sanidade:** pequeno manual do distributismo. Campinas: Ecclesiae, 2016b.
- CHESTERTON, Gilbert. **Autobiografia.** Campinas: Ecclesiae, 2012.
- DICKENS, Charles. **Um conto de duas cidades.** São Paulo: Nova Cultural, 2002.
- KER, Ian. **G. K. Chesterton:** a biography. Nova York: Oxford University Press,
- MACKEY, Aidan. **G. K. Chesterton:** a prophet for 21 century. Stratford: Oxford Press, 2013.
- MCCLEARY, Joseph. **The Historical Imagination of G. K. Chesterton:** Locality, Patriotism, and Nationalism. Nova York: Routledge, 2009.
- PASSIANI, Enio. **Figuras do intelectual:** gênese e devir. Porto Alegre: Sociologias, 2018.

# ..... Artigo .....

PONTES, Heloisa. Círculos de intelectuais e experiência social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, n. 34, p. 57-69, 1997.

STAPLETON, Julia. **Christianity, patriotism and nationhood**. Lexiton: Lexiton Books, 2009

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: UNESP, 2005.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade de Coleridge a Orwell**. Petrópolis: Vozes, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. WILLIAMS, Raymond. **Long Revolution**. Parthian. Cardigan, 2011 WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

**Submetido em: 2024-08-01**

**Aceito em: 2025-03-05**